

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LINGUAGEM E ZOOTECNIA
COORDENAÇÃO DE LETRAS**

ANDRÉIA APARECIDA DA SILVA FERNANDES

RELAÇÕES DE SENTIDOS DOS ENUNCIADOS NO LIVRO DIDÁTICO

Pontes e Lacerda-MT

2014/1

ANDRÉIA APARECIDA DA SILVA FERNANDES

RELAÇÕES DE SENTIDOS DOS ENUNCIADOS NO LIVRO DIDÁTICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras – Campus Universitário de Pontes e Lacerda – UNEMAT, sob orientação da Profa. Ma. Marlene Flores de Souza, como requisito parcial para avaliação na disciplina de TCC.

Pontes e Lacerda-MT

2014/1

ESTA MONOGRAFIA FOI APRESENTADA E DEFENDIDA PERANTE A SEGUINTE BANCA

ORIENTADORA: Profa. Ma. Marlene Flores de Souza

Prof. Me. Divino Alex Rocha de Deus

Prof. Me. Rogério Martins

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela proteção, pelas oportunidades concedidas e por nos capacitar para alcançarmos mais um de nossos objetivos.

À família, aos amigos companheiros de estudos (Adrielia Xavier), (Catiane Faria), (Autajan Carvalho), (Neia Albertoni), (Vagner Braz) e ao meu fiel amor (Éder Salomão), pela presença, pela palavra ou pela simples lembrança, que me deu coragem e determinação para traçar o caminho em busca dos meus objetivos, apoiando e incentivando em momentos de dificuldades e angústias.

À minha amiga Tereza Oliveira por ajudar-me nos livros da biblioteca e por incentivar-me nos momentos tristes.

À Profa. Ma. Marlene Flores de Souza, por sua competência, dedicação e disponibilidade como orientadora.

DEDICATORIA

Dedico este trabalho: a minha mãe (Josefa Georgina da Silva) a meu pai (Evanil João Marques) ao meu amigo, pai e companheiro para todas as horas (Antonio Mamedes Fernandes) a minha irmã (Ariely silva Marques) e ao meu eterno amor (Eder Salomão) que me apoiaram e incentivaram durante a caminhada.

Pedras no Caminho

Posso ter defeitos, viver ansioso e ficar irritado algumas vezes,
Mas não esqueço de que minha vida
É a maior empresa do mundo...
E que posso evitar que ela vá à falência.
Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver
Apesar de todos os desafios, incompreensões e períodos de crise.
Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e
Se tornar um autor da própria história...
É atravessar desertos fora de si, mas ser capaz de encontrar
Um oásis no recôndito da sua alma...
É agradecer a Deus a cada manhã pelo milagre da vida.
Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos.
É saber falar de si mesmo.
É ter coragem para ouvir um “Não”!!!
É ter segurança para receber uma crítica,
Mesmo que injusta...

Pedras no caminho?
Guardo todas, um dia vou construir um castelo...

- Fernando Pessoa

Resumo

A palavra “Semântica” reporta-se ao verbo grego “semaíno”, cujo valor é significar, seria, pois está, a ciência das significações – o estudo do significado das palavras e de sua relação de significação nos signos linguísticos. Atualmente admite-se que o livro didático é rico em conteúdos, traz diversas informações, ajuda os professores a elaborar suas aulas, traz conteúdos relevantes para se trabalhar estudos dos significados, mas, observamos que há certa superficialidade do ensino de semântica em alguns livros didáticos do ensino fundamental (8º e 9º ano). Por isso, a partir da necessidade de se discutir a forma como os conteúdos de semântica são estudados no livro didático, realizamos uma pesquisa qualitativa no livro didático “Português: linguagens” de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, recortamos para análise as seções denominadas “Semântica e Discurso” contida nesse livro. Usamos como embasamento teórico autores que discutem a construção semântica na linguagem tais como Rodolfo Ilari (2002) “Introdução a semântica: brincando com as palavras”, Oswald Ducrot (1972) “Princípios de semântica Linguística (dizer e não dizer)”, Émile Benveniste (1975) “Problemas de Linguística Geral I”, Lúcia Santaella (1983) “O que é Semiótica”, Maria Helena Duarte Marques (1999) “Iniciação a semântica” e uma tese de monografia de Cleonato Gil Barbosa (2008) publicado em uma revista eletrônica do curso de Letras Campus Teixeira de Freitas/BA intitulado “O estudo da semântica no livro didático “Português: Linguagens”, de Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães”. Observamos que no espaço destinado ao estudo da semântica é colocado exercícios gramaticais de uma forma bastante pragmática. Essa pesquisa nos proporcionou compreender como se dá o estudo da semântica nos livros didáticos e elencar algumas possibilidades de construção do sentido a partir de propostas analíticas.

Palavras Chave: Semântica, Discurso, Sentidos, Linguística.

Abstract

The word "Semantics" reports to the Greek verb "semaíno" whose value is signify, would be, the science of meanings – the study of meaning of the words and of their relationship of meaning in linguistic signs. Currently admits that the didactic book is rich in content, brings various information, helps the teachers to elaborate their lessons, brings relevant contents to work studies of meanings, but we observed that there are certain superficiality of teaching of semantics in some didactic books of elementary school (8th and 9th grade). Therefore, from the need to discuss the form how the content semantics are studied in the didactic book, we conducted a qualitative study in the textbook "Portuguese: Languages" of William Roberto Cereja and Thereza Cochar Magalhães identified to review the sections entitled "Semantics and Discourse" contained in this book. We used as theoretical authors who discuss the semantics construction in language such as Rodolfo Llari (2002) "Introduction to Semantics: playing with the words", Oswald Ducrot (1972) "Principles of Linguist Semantics (say and not to say)", Émile Benveniste (1975) "Problems of General Linguistics I", Lúcia Santaella (1983) "What is Semiotics", Maria Helena Duarte Marques (1999) "Initiation Semantics" and a thesis monograph Cleonato Gil Barbosa (2008) published in an electronic journal of the Letters Bachelor's Campus Teixeira de Freitas/BA entitled "The study of Semantics in the didactic book" "Portuguese: Languages" of William Roberto Cereja and Thereza Cochar Magalhães". We not that the space for the study of the semantic grammar exercises is placed in a very pragmatic ways. This research has provided us understand how is the study of semantics in textbooks and list some possibilities for the construction of meaning from analytical proposals.

Key words: Semantics, Speech, Sense and Linguistic.

SUMÁRIO

Introdução.....	09
1- O uso do Livro Didático.....	11
2- Semântica: A ciência dos estudos.....	15
2.1- A semântica pela visão gerativista.....	19
2.2 - A semântica pelo viés estruturalista.....	22
3- Análise: seções “Semântica e Discurso”.....	33
3.1- A superficialidade semântica nos livros didáticos.....	33
3.2- O apagamento da Semântica e Contexto.....	38
3.3- O apagamento da Semântica para Semiótica.....	40
3.4- O apagamento da Semântica para Morfologia.....	43
3.5- Aspectos essenciais da Semântica.....	46
Considerações Finais.....	48
Referências.....	50

Introdução

Com o objetivo de compreender o estudo da semântica no livro didático Português: Linguagens, de Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (8º e 9º ano), realizamos uma análise envolvendo aspectos semânticos acerca da significação. O anseio por essa pesquisa surgiu a partir de algumas observações nos estágios em sala de aula e leituras realizadas sobre a semântica no ensino, o que nos possibilitou desempenhar reflexões sobre o posicionamento dos autores “Cereja e Magalhães” em relação à inserção da semântica no estudo da linguagem e nos livros didático em questão.

Pretendemos dessa forma, entender a semântica a partir do viés da linguística, desde os estudos de Saussure até os contemporâneos, para depois analisar o LDP (Livro Didático de Português), com Rodolfo Ilari (2002), Oswald Ducrot (1972), Émile Benveniste (1975), Lúcia Santaella (1983) dentre outros, que pontuam a inclusão dessa ciência no estudo da significação.

No primeiro capítulo, “O uso do livro didático”, realizamos levantamentos sobre a história do livro didático, o valor que esse manual tem em sala de aula.

No segundo capítulo, intitulado “Semântica: a ciência dos sentidos” dedicado a busca teórica, realizamos o levantamento histórico do emprego do significado. Nesse sentido, notamos que os antigos filósofos gregos já se preocupavam com o desenvolvimento da capacidade do ser humano quanto à significação do mundo que o cercava, por acreditar que de posse da língua o homem passava da condição de objeto a sujeito da ação de aprender e de construir saberes. Dessa forma, inscrevemo-nos em estudos voltados a visões linguísticas de cunho gerativistas e estruturalistas.

No terceiro capítulo “Análise: seções “Semântica e Discurso”, analisamos o conteúdo semântico dos livros didáticos. observamos como se dão os aspectos relativos à significação empregados no livro; se a proposta de se trabalhar “Semântica e Discurso” pelos autores corresponde as significações linguísticas, como é estabelecido o processo de construção de sentidos e significação, ou seja,

se as concepções apresentadas nas obras vão ao encontro da teoria da semântica contemporânea. Nesse sentido, a partir da fundamentação teórica foi possível descrever as categorias semânticas selecionadas por Cereja e Magalhães (2012).

1- O uso do livro didático

A educação escolar se caracteriza pela mediação didático-pedagógica, que se estabelece entre conhecimentos práticos e teóricos. Dessa forma, seus procedimentos e conteúdos devem adequar-se à situação específica da escola e ao desenvolvimento do aluno quanto aos diferentes saberes a que recorrem.

Assim, surge a importância do livro didático como instrumento de reflexão dessa situação particular, atendendo à dupla exigência: de um lado, os procedimentos, as informações e os conceitos propostos nos manuais; de outro lado, os procedimentos, as informações e conceitos que devem ser apropriados à situação didático-pedagógica a que se destinam.

Para discutir a origem e a importância do livro didático, Verceze (2008), se refere primeiramente à história do livro didático no Brasil, ao nível oficial e regulamentado, que se iniciou com a Legislação criada em 1938, pelo Decreto Lei 1006. Naquela época, o livro era considerado um instrumento da educação política e ideológica, sendo o Estado caracterizado como censor no uso desse material didático. Os professores escolhiam os livros a partir de uma lista pré-determinada, tendo por base essa deliberação legal. O artigo 208, inciso VII, da Constituição Federal do Brasil, assegura que o livro didático é um Direito Constitucional do estudante brasileiro.

O mecanismo jurídico que regulamenta o livro didático é o Decreto n. 9154/85, que instituiu o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Esse plano estabelece, em seu artigo 2º, a avaliação rotineira dos livros. Recentemente, a resolução nº 603, de 21 de fevereiro de 2001, passou a ser um mecanismo organizador e regulador do PNLD. O Ministério da Educação e Cultura (MEC) criou várias comissões para a avaliação dos livros didáticos, na busca de melhor qualidade.

Logo, a Reforma Curricular, a partir de 1991, nos primeiros ciclos do Ensino Fundamental, exige que os novos livros correspondam às atuais exigências de uma Educação do século XXI, na qual o conhecimento, os valores, a capacidade de

resolver problemas e aprender, como a Alfabetização Científica e Tecnológica, são elementos essenciais.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é um programa executado no âmbito do Ministério da Educação (MEC) e se destina à melhoria do processo de ensino aprendizagem, com o objetivo de avaliar, selecionar e distribuir aos alunos e professores das escolas de educação básica pública das redes federal, estaduais, municipais e do Distrito Federal obras didáticas, obras complementares ao currículo e de dicionários da Língua Portuguesa de qualidade.

O livro didático sempre foi um dos instrumentos do trabalho pedagógico do professor. Ressalta-se que, em muitas escolas brasileiras, ele é o único instrumento de que o professor dispõe. Hoje, essa realidade vem mudando, uma vez que os livros já contêm uma diversidade de textos que abarcam os diferentes falares e as diferentes características regionais do país. Para Verceze (2008), deve haver uma mescla entre os gêneros literários e os gêneros textuais, de modo que contemplem diferentes práticas sociais:

É recente a entrada, tanto no livro didático, quanto na aula de Português, de outros gêneros e de outros tipos de texto, o que era necessário, ou seja, é necessário, porque as práticas sociais são variadas. É preciso preparar o aluno para as habilidades de leitura e de diversos tipos, diversos gêneros de textos. Daí a entrada de textos de jornal, textos da revista, a publicidade, a charge, etc. – a entrada de todos esses gêneros no livro de Português. O que tem ocorrido, no meu entender, é que essa invasão está um pouco violenta demais, talvez excessiva demais, em prejuízo do texto literário. Porque o texto literário está se tornando cada vez mais ausente dos livros didáticos de Português. Por causa do critério que devem estar na aula àqueles tipos de texto que circulam mais intensamente na sociedade [...].

(VERCEZE, 2008, p.86)

Contudo, o professor sempre precisará de textos complementares, seja para estudar conteúdos, seja para suprir lacunas ou complementar e ampliar informações. Logo, as Orientações Curriculares para o Ensino Fundamental, apontam que o livro didático mostra que a diversificação de recursos e de linguagens verbais e não verbais promove não apenas competências importantes no

domínio da linguagem como oferecem o acesso a diferentes formas de lidar com informações, conceitos e conhecimentos científicos:

Desse modo, o livro didático que continua prevalecendo como principal instrumento do ensino é uma, mas não a única fonte de referência, quer do professor, quer do aluno, especialmente porque tem limitações e não dá conta dos meios, estratégias e objetivos de ensino, por melhor que seja.

(Orientações Curriculares, 2007, p. 32)

Para irmos além das questões do uso do livro didático pelo viés das Orientações Curriculares, outros caminhos são percorridos no âmbito da educação com a finalidade de expor o objetivo que deve ter o livro didático em sala de aula. Têm-se, assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais (OCNs), que constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual.

De acordo com os PCNs (1999) a função do livro didático é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual.

O livro didático faz parte da educação há pelo menos dois séculos, o termo “didático” indica seu uso como fontes de instruções como se percebe nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997);

O livro didático é um material de forte influência na prática de ensino brasileira. É preciso que os professores estejam atentos à qualidade, à coerência e a eventuais restrições que apresentem em relação aos objetivos educacionais propostos. Além disso, é importante considerar que o livro didático não deve ser o único material a ser utilizado, pois a variedade de

fontes de informação é que contribuirá para o aluno ter uma visão ampla do conhecimento.

(Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997, pg. 60)

Portanto, o livro didático é considerado o material de forte “influência” no ensino, seu conteúdo contém variedades de fontes de informações que contribuem para conhecimento do aluno. Os PCNs garantem a busca da qualidade que se impõe a necessidade de investimentos em diferentes frentes, como a formação inicial e continuada de professores, uma política de salários dignos, um plano de carreira, a qualidade do livro didático, de recursos televisivos e de multimídia, a disponibilidade de materiais didáticos.

2- Semântica: a ciência dos sentidos

De acordo com as Orientações Curriculares Nacionais (2007), trabalhar com os sentidos semânticos em sala de aula significa utilizar a linguagem para estruturar a experiência e explicar a realidade, operando sobre as representações construídas em várias áreas do conhecimento. Como nosso interesse nessa pesquisa é verificar como o espaço semântico está se constituindo no ensino, faremos um sobrevoo nas concepções semânticas a partir de alguns marcos teóricos.

A semântica se constitui em um dos domínios mais fascinantes da história da linguagem, a qual pressupõe não apenas os valores semânticos como veiculação de informação, objetivas e subjetivas, mas organização do pensamento e da experiência, a transmissão das linguagens em diferentes culturas de comunidade.

Segundo Marques (1999), a semântica é um dos caminhos que possibilitam à filosofia compreender como o ser humano elabora representações simbólicas do mundo, de que modo a organiza e estrutura. Dentro dessas representações simbólicas, parecem simples as argumentações de que a semântica tem por objetivo o estudo do significado das formas linguísticas, o que nos leva a um questionamento: “o que é significado?”.

Para esclarecer esse questionamento Marques (1999) ressalta que diversos conceitos de significado comumente utilizados pelos linguístas são exemplos de respostas diretas preestabelecidas para noção do que seja significado:

- (a) O significado de uma forma linguística é a referencia, a entidade, classe de entidades, o acontecimento, classe de acontecimentos, que a forma nomeia ou designa, isto é, a que se refere;
- (b) O significado de uma forma linguística é a imagem mental, o conceito, a que essa forma serve de sinal externo intersubjetivo;
- (c) O significado de uma forma linguística é o seu uso, ou seja, o seu emprego de acordo com os estímulos que a condicionam e as

respostas ou reações, verbais e não-verbais, adequadas às circunstâncias, finalidades e condições em que é utilizada.

(MARQUES, 1999, p. 19)

Entretanto, segundo a autora, há diversos fenômenos da natureza semântica nas línguas que nenhum desses conceitos de significados explicaria adequadamente. Logo, conceitos dessa natureza servem de base para teoria semântica, assim, vários linguístas multiplicaram, e de fato multiplicam, a integração aos estudos da semântica.

Os estudos semânticos vêm de muitos séculos atrás, desde o século V a.c, segundo Marques (1999, p. 26), “registra-se entre os filósofos gregos, preocupação com a linguagem, como tema ligado à interpretação dos fenômenos naturais e às relações com as instituições sociais.” Até então, o termo semântica ainda não era usado, tinha-se simplesmente um estudo cujos resultados eram de convenção, pois se todos os elementos eram nomeados, então os aspectos fundamentais dos estudos da linguagem eram determinar se as palavras se “associavam *naturalmente* às coisas a que se referiam ou se as palavras nomeavam as coisas em decorrência de seu uso na intercomunicação social: a relação entre as palavras e as coisas era arbitrária e resultado de convenção”. (MARQUES, 1999 p. 26).

Nas primeiras décadas do século XX, os trabalhos dos semanticistas passaram a dar ênfase à natureza psicológica da linguagem, a relacioná-la com os fenômenos históricos e socioculturais: “embora nessa fase se iniciem estudos diversificados quanto à natureza e ao objeto da semântica” (MARQUES, 1999, p. 33). Diversos autores demonstraram preocupação dominante com a classificação dos tipos de alteração de sentido das palavras e suas causas no processo de evolução semântica. De uma maneira geral, manteve, no estudo das modificações de sentido das palavras, a orientação tradicional de levar em conta os resultados da comparação de significados de palavras ao longo do tempo.

Dessa forma, toda mudança de sentido seria uma inovação semântica, sendo interpretada como um acontecimento histórico particular, que tem causas linguísticas próprias que ocorre num momento histórico e num dado meio social, condicionada

por um conjunto de circunstâncias que não só lhe dão origem, mas propiciam a sua difusão e generalização no uso da comunidade.

O processo da iniciação a semântica levantou aspectos teóricos marcados por três estudiosos que apresentam relevância no processo de mudanças de sentidos, mudanças que caracterizam os significados das palavras, para Marques (1999), os estudiosos trataram dos mecanismos subjacentes às mudanças de sentidos das palavras:

Precedido por um artigo de Roudet (1921), “Sobre a classificação psicológica das mudanças semânticas”, Sperber (1930) desenvolve todo o seu trabalho em torno das causas e processos psicológicos que interferem nas criações e alterações de sentido. Nessa mesma época, Carnoy (1927), Stern (1931) e outros elaboram minuciosas classificações gerais das mudanças semânticas.

(MARQUES, 1999, p. 35)

Para Roudet (apud Marques, 1999, p. 35), toda alteração semântica é resultado de fenômenos psíquicos, sempre presentes na busca dos meios linguísticos mais adequados à expressão de ideias e sentimentos. Dois processos básicos atuam no plano psíquico: o associativo e combinatório. Foi uma nova ideia de associação por semelhança a uma palavra, usada para exprimir outra noção, assim, a palavra se desloca de um significado para o outro.

Já Sperber (apud Marques, 1999, p. 36) baseou-se em princípios psicológicos ligados à afetividade para explicar as alterações de sentido e a criação vocabular. Numa dada comunidade, circunstâncias individuais ou coletivas se tornaram, em determinado momento, os focos de atração e expansão afetiva é nesse ponto que adquirem particularidades de duplo movimento de expansão e atração, os fenômenos ligados à origem de tabus, eufemismos, evoluções pejorativas e valorativas de palavras e criações lexicais, etc.

Ao retomarmos as bases lógicas de critérios histórico-culturais, Carnoy (apud Marques, 1999, p. 36) distribuiu os casos de mudança de sentido em pormenorizada sistematização tipológica, ou seja, as mudanças de sentidos acontecem de acordo com os tipos de terminologia, de maneira a desenvolver de acordo com o tempo, assim, seria a evolução da língua.

De modo geral, as mudanças de sentidos e as alterações de significados são vistas pelos estudiosos como resultados de esforços permanentes de ajustes de expressão/pensamentos/sentimentos, justamente a partir de associações entre as formas das palavras.

A filosofia da linguagem se prende ao semântico, assim, na medida em que passa a indagar o que é significado, em que condições de sinais adquirem significação? Qual a relação entre significado e referente (entidades, acontecimentos da realidade a que se aplicam signos?). Que princípios estão presentes nos sistemas simbólicos-linguísticos e qual a natureza desses princípios subjacentes às características gramaticais e semânticas das línguas?

O interesse da semântica geral era demonstrar a relação entre as palavras que as pessoas usam e como são afetadas por elas, sendo assim, uma ciência integrada com o comportamento do homem. Dessa forma, os estudos semânticos passaram a ser mais evidentes no século XX com Ferdinand Saussure na Europa e com Leonard Bloomfield nos Estados Unidos, ideias que contribuíram segundo Marques (1999), para a semântica e o estudo do significado, mas foram criticadas em alguns pontos, deixando lacunas na questão de explicar o significado;

Verifica-se, pelo exposto, que até a década de 1960, pelo menos, a linguística norte-americana e a europeia não conseguem desenvolver formas de tratamento abstrato-conceitual para a semântica e, conseqüentemente, não atribuem ao estudo do significado importância equivalente à que dão aos demais planos das línguas".
(MARQUES, 1999, p.50)

A partir das investigações estruturalistas iniciadas por Ferdinand de Saussure que postulou a teoria do signo linguístico, esse passou, então, a ser considerado uma entidade psíquica formada de imagem acústica/significante e conceito/significado. Nesse sentido, as teorias saussurianas foram pioneiras em relação aos estudos da semântica estrutural:

Com Saussure e Hjelmslev colocavam-se as condições prévias para a organização de uma semântica em bases científicas. Depois de isolar os semas e descrever o mecanismo de sua combinatória semântica, essa disciplina deveria propor-se outros dois objetivos:

- a) descrever coerentemente a organização interna dos diferentes campos semânticos das línguas naturais;
- b) descrever o mecanismo através dos quais esses diferentes campos semânticos se integram formando sistema na unidade maior que forma a estrutura semântica própria a cada língua natural.

(LOPES apud BARBOSA, 2008, p. 15)

O signo linguístico, concebido por Saussure, na visão estruturalista, tem duas características básicas: arbitrariedade e linearidade. A relação que se estabelece entre o significante e o significado seria arbitrária, ou seja, os signos existem, em decorrência de hábitos sociais objetivos, e são convencionais, não-motivados, quanto ao significado das sequências fônicas significantes, que não apresentam qualquer vínculo natural com os elementos da realidade que evocam. Por outro lado, os significantes se dispõem de acordo com a linha do tempo, por isso são designadas linearidade do signo.

A função social seria o traço mais importante dos fenômenos linguísticos, pois, cada enunciado numa língua ocorre num contexto de situação culturalmente condicionado, e o significado dos enunciados seria a totalidade de traços que deles participam para indicar os padrões culturais da sociedade.

Nessa visão de apresentar o significado do enunciado, é preciso depreender traços socioculturais e analisar os dados linguísticos em diferentes ideias hierarquizados numa determinada ordem; visões Gerativistas e visões estruturalistas.

2.1 - A semântica pela visão gerativista

Na visão gerativista, linguista que mais contribuiu foi Chomsky, que propôs novas diretrizes para o tratamento gramatical da língua:

Em princípio todo enunciado linguístico tem uma estrutura gramatical, isto é deve ser construído de acordo com regras formais que determina se a sequência é bem formada (gramatical) ou não (agramatical). Assim, agramaticalidade de um sintagma ou de uma sentença decorre de sua conformidade com regras estruturais, propostas como modelos hipotéticos dos mecanismos que os falantes dominam para fazer uso da língua.

(MARQUES, 1999, p. 51)

Partindo do pressuposto acima, a faculdade humana da linguagem é inata e universal, as regras seriam, teoricamente finitas, universais, recursivas, que se aplicam automaticamente e têm a propriedade de produzir um número infinito de sentenças bem formadas, na evolução do pensamento gerativista, a semântica teve papel destacado na formulação da teoria, que sofreu sucessivas alterações, a fim de conformar-se aos fenômenos de significado, segundo Marques (1999), essas alterações foram destacadas por dois gerativistas:

A primeira tentativa de integrar formalmente a semântica na teoria linguística gerativa é de Katz e Fodor (1977, pp. 77-124), em 1963. Para explicar a competência do falante, Katz e Fodor supõem o domínio não só de regras gramaticais, mas também de regras semânticas, relativas aos aspectos dessa competência que não se incluem no âmbito da gramática. A semântica teria função interpretativa, definida nos seguintes termos: “descrição linguística menos gramática = semântica”.

(MARQUES, 1999, p.52)

Assim, a teoria semântica seria a informação gramatical contida nas regras de base, descrição linguística menos gramática igual semântica. Os gerativistas Katz e Fodor 1977 (apud Marques, 1999, p. 53), justificam uma teoria semântica restrita à interpretação de sentenças isoladas pelo fato de os falantes atribuírem a sentenças contextualizadas uma das interpretações que ela pode ter em isolamento. Por isso, uma teoria de interpretação semântica é logicamente prioritária, em relação a uma teoria interpretativa do efeito seletivo do contexto.

Já no que se refere ao significado, para Marques (1999) são fatores pragmáticos que possibilitam aos falantes interpretar enunciados discursivos. Distinguem-se, nesse caso, uma competência gramatical do falante e uma competência pragmática, ou comunicativa, que leva em conta propriedade que caracteriza o uso adequado e coerente da língua e, em particular, as finalidades comunicativas com que as pessoas a utilizam, em enunciados circunstancialmente condicionados e contextualizados em sequências discursivas. A análise semântica aplicada à competência comunicativa dos falantes passa a tratar do significado no discurso, ou em textos.

Segundo Marques (1999), os textos seriam entendidos como unidades discursivas que formam um todo significativo, podendo ser representados por manifestações linguísticas, escritas ou faladas, de extensão ou duração variável.

Logo, a semântica constitui um domínio de conhecimento da língua e se volta à capacidade dos falantes em perceber e apreender o significado das formas linguísticas julgando a aceitabilidade e coerência das sentenças. A essa habilidade semântica, agregamos as características essenciais das línguas naturais: criatividade, referencialidade e trama de sentenças que permitem a construção e reconstrução do conhecimento. Com base nesses conceitos Marques (1999) diz;

As palavras transparentes caracterizam-se pela possibilidade de se estabelecerem vínculos de associação ou motivação, sonora, morfológica, semântica, entre os signos e as coisas por eles referidas, isto é entre o nome (significante, imagem acústica ou sonora) e o sentido (conceito, imagem mental) que evoca, ou entre o signo seu referente (coisa, elemento da realidade objetiva ou subjetiva).

(MARQUES, 1999, p. 60)

Entende-se então que seria a possibilidade de naturalizar a relação nome e sentido entre o signo e o referente como se fosse uma relação motivada, ou seja, estabelece vínculos de associação ou motivação; e, numa mesma língua, ocorrem fenômenos de sinonímia, ambiguidade e os chamados usos figurados, o significado básico seria a denotação da palavra:

Junto com os demais matizes associativos de significado da palavra constitui a sua conotação. Em determinadas situações, o significado básico, descritivo e referencial por excelência, prevalece. Em outras, o significado conotativo pode preponderar e, até esvaziar a denotação de uma palavra, criando-lhe sentidos novos, no que se tem chamado processos de hipersemântização.

(MARQUES, 1999, p. 62)

Nesse caso as matizes de significado que uma palavra passa a ter, inclui-se os valores de significado que elas adquirem no contexto ou situação de uso combinatória linguística, circunstância e finalidade, funções e intenções de seu emprego, fatores intersubjetivos presentes no ato de comunicação.

Contudo, Marques (1999) explica que as perspectivas de tratamento do significado mais tradicionais revelam-se acessíveis e facilmente aplicáveis a diversos aspectos semânticos-linguísticos, pois correspondem diretamente às intuições dos falantes em relação ao sentido do que percebem em manifestações concretas da língua.

Dessa maneira é importante ressaltar que da mesma forma que o falante produz e compreende novas sentenças, aplica regras internalizadas, expressa as mais diferentes realizações que representa o mundo interior, aplica significados de determinadas sentenças a outras, demonstrando que possui conhecimento intuitivo sobre as propriedades semânticas.

Portanto, entendemos que a capacidade que têm os falantes de produzirem sequências discursivas coerentes, que atendem aos diversos fatores que condicionam a utilização da língua no processo de interação linguística, faz parte de sua competência linguística, ou seja, tanto da competência gramatical quanto da competência comunicativa.

2.2 A semântica pela visão estruturalista

A partir do Estruturalismo, a semântica passou a permear, mas de forma recatada, praticamente em todas as áreas que investigavam os fenômenos da significação do signo lingüístico.

[...] os especialistas dessas disciplinas tratam a Semântica a partir de perspectivas isoladas, que não se superpõem e, por isso, não deixam transparecer os aspectos interdependentes do estudo do significado enquanto centro de interesse interdisciplinar. As relações entre os diversos tratamentos não são objeto de exame integrado.

(MARQUES, 2001, p.16)

Segundo estudiosos, está amplitude que permeia o trabalho do semanticista tem dificultado o surgimento de um método investigativo capaz de definir a semântica como ciência da significação da linguagem.

Para Lopes (apud Barbosa 2008, p.17), a definição de que a Semântica é a ciência das significações assinala a diferença entre uma semântica linguística propriamente dita, que objetiva estudar a forma do plano de conteúdo das línguas naturais, e uma semântica semiótica que estuda a significação dos signos secundários. A partir dessa reflexão o linguista deixa claro que são ponderações levantadas para questionar o que é Linguística e o que é Semântica.

Apesar de ter sido parcialmente abandonada pelos estudiosos da Linguística da primeira metade do século XX, ao refletirmos a iniciação da Semântica, entendemos que essa não deixou de receber contribuições pertinentes sobre o estudo da significação em diferentes manifestações e suportes textuais. Tanto que

as afirmações de que a semântica busca descrever o “significado” das palavras e das sentenças levantou uma questão um tanto complexa acerca do que vem a ser “significado”. A utilização corriqueira desse marco em situações diversas fez com que de alguma forma o termo se banalizasse e perdesse sua significação própria. O fato de depender de um conceito lacônico de significado para a semiótica, tem sido um dos impasses para a confirmação dessa teoria como ciência.

Dessa forma, não podemos negar que surgiram, durante o século XX, várias formas bem argumentadas de se descrever o objeto de estudo da semântica. Para Charles Pierce “o sentido de um signo é outro signo que o traduz mais explicitamente.” (LOPES apud BARBOSA, 2008). Esta explicação de Pierce pressupõe uma ideia de que dar sentido a um signo significa fazer um exercício de metalinguagem, denominado por ele de semiose, nesse impasse sinaliza três espécies de interpretante para a obtenção da significação. São eles: o interpretante imediato, o interpretante dinâmico e o interpretante final.

De acordo com a pesquisa de Barbosa (2008), o interpretante imediato está presente na significação que se faz explicitamente do próprio signo, portanto denotativo, já que seu sentido é restrito ou determinado, sendo, o primeiro a ser compreendido no contato com o signo. O interpretante dinâmico, por sua vez, é o efeito real que o signo causa no intérprete, seria o sentido que damos ao signo a partir das impressões que temos quando estamos em contato com ele. Tem, portanto, característica subjetiva. Pierce (apud BARBOSA, 2008), ainda, subdivide o signo dinâmico em três modalidades: o interpretante emocional, o energético e o lógico.

Logo, O interpretante emocional é o sentimento gerado pelo signo que ultrapassa a simples identificação do signo. Por exemplo, “os sentimentos despertados no público durante um concerto são o interpretante dinâmico emocional deste signo” (BARBOSA, 2008, p. 20). Já o interpretante energético é o esforço que o signo produz, isto é, um ato no qual uma certa energia é despendida e o interpretante lógico é o significado, conceito ou compreensão lógica do signo. O interpretante lógico é sempre em potencial aberto ao infinito, presentes nos símbolos legi-signos. Por fim o interpretante final, denominado na semiótica postulada por Pierce (apud BARBOSA, 2008) de interpretante normal, é o entendimento que o

signo permite dentro de um campo de intencionalidades, ou seja, o interpretante disponibiliza um preceito pelo qual se pode julgar o interpretante dinâmico.

Ainda que os objetivos de Pierce estejam voltados para concepção do signo de maneira geral e não para o verbal, percebe-se que ele compreende a significação como um fenômeno simbólico, inseparável da Filosofia, da Psicologia e da cultura e não apenas como um exercício de metalinguagem; implícito em relação lógica e semântica.

Barbosa (2008) indica que embora não haja uma explicação comum entre os semanticistas sobre o “sentido”, é possível perceber, com estudos, que há várias formas de descrever o significado, esclarece ainda que *“a semântica é ilustrada pela apresentação das linhas mestras de três formas de fazer semântica: a Semântica Formal, a Semântica da Enunciação e a recente Semântica Cognitiva”*.

A Semântica da Enunciação que é o foco dessa pesquisa é conhecida também como Argumentativa, pois cogita basicamente dois objetos: o posto e pressuposto. Ela não trabalha com a sentença, já que esta, segundo a lógica aristotélica, independe do contexto. A enunciação está implantada em um modelo de cadeias discursivas. A Semântica da Enunciação é capaz de distinguir, por exemplo, a função de um operador argumentativo (ou conectivo) a partir do contexto no qual ele esteja inserido, ou seja, há sempre contexto específico para cada enunciado.

A Semântica da Enunciação encontra respaldo teórico no trabalho de dois cientistas da linguagem Benveniste e Ducrot, cujos estudos vão nortear o desenvolvimento dessa forma de abordar o sentido.

Benveniste instala um domínio específico para os estudos enunciativos, ou seja, para considerar o funcionamento da língua marcada pela relação que aquele que fala (o locutor) tem com a língua e que se marca na estrutura da língua. Estes trabalhos tiveram vários desdobramentos bastante conhecidos no Brasil, como a semântica argumentativa, desenvolvida a partir da noção de escala argumentativa de Ducrot e que aparece também nos trabalhos de Carlos Vogt. A semântica argumentativa considera que o fundamento do sentido são relações “retóricas” que se marcam na língua, de tal modo que falar é ser tomado por estas relações de argumentação.

(VERONEZ, apud BARBOSA, 2008, p.22)

Nesse sentido a semântica da Enunciação significa um jogo de argumentação que se sustenta dentro de um universo discursivo, cujo objetivo principal não é a informação, mas o convencimento da linguagem.

A seguir, Benveniste (1995) descreve que é de Saussure que procede a teoria do signo linguístico implicada na maioria dos trabalhos de linguística geral e de maneira evidente, não ainda explícita, ensinou que a natureza do signo é arbitrária, isso deve estabelecer que “o elo que une o significante ao significado é arbitrário, ou, mais simplesmente, que o signo linguístico é arbitrário”. (BENVENISTE, 1995, p.54).

Então, Saussure (apud Benveniste, 1995, p.54), toma o signo linguístico como constituído por um significante e um significado, entende por “significado” o conceito que o signo linguístico une não uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica, assim, garantem que a natureza do signo é arbitrária, pois, não tem com o significado nenhuma ligação natural na realidade; “assim quanto ao signo linguístico. Um dos componentes do signo, a imagem acústica, constitui o seu significante; a outra, o conceito, é o seu significado. Entre o significante e o significado, o laço não é arbitrário; pelo contrário, é necessário” (BENVENISTE, 1995, p.55).

Portanto, o conceito que seria o “significado” é forçosamente idêntico ao que temos em consciência ao conjunto fônico, direcionado ao “significante”, seria como Benveniste (1995) nos aponta “*O próprio Saussure diz: Psicologicamente, excetuando a sua expressão por meio das palavras, o nosso pensamento é apenas uma massa por amorfa e indistinta*” (BENVENISTE, 1995, p.56). Esse conjunto garante, pelo viés da linguística, consubstancialidade do significante e significado a unidade estrutural do signo linguístico, segundo Benveniste (1995):

Ainda aqui é o testemunho do próprio Saussure que invocamos, quando diz a respeito da língua: “A língua é ainda comparável a uma folha de papel: o pensamento é a face e o som é o verso: não se pode recortar a face sem recortar ao mesmo tempo o verso; da mesma forma, na língua, não se poderia isolar nem o som do pensamento, nem o pensamento do som; não o conseguiríamos a não ser por uma abstração cujo resultado seria o fazermos ou psicologia pura ou fonologia pura. O que Saussure diz aqui a respeito da língua vale primeiro para o signo linguístico no qual se afirmam incontestavelmente os caracteres primeiros da língua.

(BENVENISTE, 1995, p. 56)

Observamos então, que o significante e o significado, a representação mental e acústica são, pois, as duas faces de uma mesma noção e se compõem juntos como “incorporante” e o “incorporado”, ou seja, o conceito que temos de um significado, se remete a que já temos em consciência que seria o significante, por exemplo, o conceito “significado” “boi” é forçosamente idêntico ao que temos em consciência ao conjunto fônico “significante”, “boi”, (BENVENISTE, 1995, p.55).

Portanto, o arbitrário só existe aqui em relação com o objeto material e não intervém na constituição do signo. Uma língua é radicalmente impotente para defender-se contra fatores que deslocam de momento a momento em relação tanto do significado como do significante.

Ducrot (1972) trabalha a noção de pressuposto e a pressuposição na descrição semântica, essa questão norteia a definição de “enunciação”, afirmando que esse “fenômeno de pressuposição linguística faz aparecer, no interior da língua, todo um dispositivo de convenções e de leis, que deve ser compreendido como um quadro institucional a regular o debate dos indivíduos” (DUCROT, 1972, p. 13), segundo o autor o que é dito pelo indivíduo seria como se não tivesse totalmente dito deixando lacunas de informação, ou seja, há formas de expressar algo deixando implícito no que quer dizer de verdade, por exemplo, no enunciado “Não pergunte minha opinião, porque senão eu dou” (DUCROT, 1972, p. 15); é uma forma de entender que se tem uma opinião contrária à expectativa do interlocutor, assim, são chamados de procedimentos de implicação, que designa a forma que se fundamenta no conteúdo do enunciado e aqueles que jogam com a enunciação.

Nesta perspectiva, há uma definição de significante e significado, o significante é tomado de acordo com os fatos dos termos de expressão no acontecimento que constitui o seu emprego, tornando significativo num ato de enunciação e o significado deixando de ser somente o sentido da enunciação, mas o conjunto de condições sócio-psicológicas, que devem ser satisfeitas para que ele seja empregado. Segundo Ducrot (1972, p. 25), essas definições criam-se uma espécie de código conotativo, que liga diretamente a cada enunciação o conjunto de significações implícitas que nos parecia ligado primeiramente a ela por uma *démarche* discursiva, exemplo explicado por uma simples função de manifestar-se, perguntando às horas, que significaria dizer que nos aborrecemos, estamos incomodados, apressados para realizar algo.

A pressuposição na descrição semântica se dá a partir da pergunta que Ducrot (1972) faz; “O que se deve entender quando se fala da descrição semântica da língua?” entendemos a descrição semântica como um conjunto de conhecimentos que permitem prever o sentido que recebe efetivamente cada enunciado da língua em cada uma das situações em que é empregado, então, os “sentidos de uma enunciação deve, pois, ser formulado por meio de regras das quais se possa deduzir de que outras enunciações ela se infere, a quais contradiz, etc.” (DUCROT, 1972, p. 118).

Logo, o componente linguístico traz uma descrição na forma semântica como atribuições de significados considerados fora de contexto nos enunciados:

O fato, por exemplo, de que um enunciado performativo como *Eu prometo...* sirva para realizar o ato de prometer é impossível de deduzir, conforme tentamos mostrar, de um núcleo significativo que seria anterior e mais fundamental. Por isso, não ganharíamos nada em encarregar da previsão dos valores ilocucionais o componente retórico - pois este deduz o “sentido” a partir das “significações” emitidas pelo componente linguístico, e o valor ilocucional não se deixa deduzir de nenhum dado semântico prévio.

(DUCROT, 1972, p.138)

As indicações sobre o valor ilocucional que Ducrot (1972) cita acima, faz parte dos elementos de significação, em que dados de enunciados demonstrem os sentidos das significações. Na verdade, tomemos como exemplo a variante “r” que podem representar as intenções possíveis dos interlocutores, esses tipos de características mostra a inserção necessária da enunciação no enunciado. Nessa perspectiva Ducrot (1972) finaliza com a afirmação da representação dos enunciados:

Mas não resulta daí que o enunciado não tenha seu valor semântico próprio, anteriores às especificações e transformações que receberá nos atos particulares de enunciação. E pareceu-nos até mesmo que não se podem descrever de maneira fiel fatos de enunciação se não se admitir ao enunciado.

(DUCROT, 1972, p.141)

O pressuposto trabalha com formas implícitas das enunciações, a partir das variantes que o locutor produz, a existência de uma utilização de linguagem que não pode ser compreendida com uma codificação, isto é, como a manifestação de um

pensamento, escondido em si mesmo, através de símbolos que tornam acessível, ou seja, não permiti expressar fatos da enunciação que não esteja no enunciado.

Dito isso, as três semânticas, apresentam diferentes abordagens para o mesmo objeto de estudo: o sentido ou significado. Por isso, os estudiosos cunharam termos diferentes para classificá-las. A primeira a Semântica Formal, a segunda a Semântica da Enunciação e a mais recente, a Semântica Cognitiva. Seria uma forma de limitar o caminho da semântica, abordar o significado sob perspectivas teóricas diferentes, em que o corpus será o estudo do significado integrado a um contexto.

Inscritos em Barbosa (2008), percebemos que paralelamente a esses estudos filosóficos elaboraram teorias sobre a Retórica e Gramática, sendo esta última, responsável pelas primeiras revoluções tecnológicas da história do Homem. Por se tratar do elemento central no domínio dos estudos da linguagem, pois a Gramática como instrumentação da língua englobava o aspecto artístico e técnico, prevalecendo, no entanto, este último como um modo de ensinar a ler e a escrever corretamente.

Já em sala de aula, Barbosa (2008) explica que a função do educador ao ensinar os princípios da semântica, seria o traço mais importante da linguagem, e, portanto, deve-se observar o contexto em que o enunciado é produzido, visto que todo discurso é culturalmente condicionado, podendo ser considerado os significados um reflexo dos padrões culturais e sociais do meio em que o falante vive, do papel social e características deste na comunidade.

Segundo Barbosa (2008), as semanticistas defendem que:

o trabalho desenvolvido em sala de aula na disciplina Língua Portuguesa deve abranger a tríade proposta pelo filósofo americano Charles S. Pierce em 1878, que o estudo da linguagem, de forma articulada, deve ser organizado em três momentos ininterruptos: (1) o estudo do sinal, (2) a que este sinal remete e (3) quem este sinal significa. Isto é, não basta desmembrar palavras, frases e textos, classificando-os gramaticalmente. É mister que o falante possa se relacionar com os signos, atribuindo-lhes significados e possibilidades de alteração de sentido.

(BARBOSA, 2008, p.29)

Dessa forma seria certamente concebível que os estudantes compreendessem o uso da língua como uma atividade e ao mesmo tempo individual e social, em que a elaboração dos discursos tem características pessoais simultaneamente atreladas a questão de ordem social e cultural, tendo em vista que

as produções linguísticas obedecem à sistematicidade da língua, uma espécie de contrato comunitário cujas alterações vão ocorrendo com vistas a atender a demanda daquele grupo daquele grupo de falantes.

Para Barbosa (2008), Saussure conferiu à linguística o caráter de ciência e conceituou a língua como sistema de signos. A partir de sua teoria, houve vários avanços no estudo da língua, entre eles a possibilidade de reflexão que permeia o campo semântico inserido nos aspectos extralinguísticos. A linguagem é vista como um instrumento para que o locutor comunique com o seu destinatário suas intenções e é nessas intenções implícitas que o sentido dos termos é empregado. Concebendo o falante como um sujeito psicológico, individual, consciente, social, cultural e político.

As propostas de estudo trazidas por Saussure foram fundamentais para que fossem alicerçados os atuais estudos linguísticos, pois no desenvolvimento do Estruturalismo, os estudiosos linguistas avançaram nas teorias, buscando em outras ciências explicações, especificando os objetos de estudo. E junto a esses estudos, Oswald Ducrot (1972) refuta a possibilidade de se conceber a língua como meio consagrado de dizer as coisas. Apresenta-se como o causídico da ideia de que o emprego da língua não pode ser reduzida apenas a transmissão da informação, visto que “deve-se reconhecer que muitas outras funções são essenciais na língua, funções que ela preenche, tornando possível atos que lhe são específicos – e que não têm nenhum caráter natural – como os de interrogar, ordenar, prometer, permitir” (DUCROT, 1972, p.12).

Nesta linha de pensamento de Ducrot (1972), entendemos que o ato de interrogar ou de ordenar, por exemplo, em alguns casos, pode denotar implicitamente uma afirmação do direito ou condição de interrogar ou ordenar o destinatário, que pode atender a ordem ou responder ao questionamento. Seguindo essa linha de raciocínio, Ducrot (1972), propõe uma concepção utilitarista para a língua, sendo contrário à redução da funcionalidade da língua em funções:

Dizer que as línguas naturais são códigos, destinados à transmissão de informação de um indivíduo a outro, é, ao mesmo tempo, admitir que todos os conteúdos expressos graças a elas são expressidos de

maneira explícita. Com efeito, por definição, uma informação codificada é, para aquele que sabe decifrar o código, uma informação que se dá como tal, que se confessa, que se expõe. O que é dito no código é totalmente dito, ou não é dito de forma alguma.

(DUCROT, 1972, p.13)

Para Ducrot (1972) a codificação seria o conhecimento apenas do que está explícito na língua, sendo necessário entendê-la como um jogo em que se estabelecem regras, pois no seu interior há um dispositivo de convenções e de leis que devem ser compreendidas. Assim, o linguista justifica a existência de modos implícitos de expressão, em que o locutor deixa entender sem responsabilizar-se por ter dito. Então seria preciso considerar que na organização do enunciado em alguns casos, há implícitos, como os subentendidos, que deixam não-expressa uma afirmação intencionada pelo locutor. Dessa forma a semântica se volta para a possibilidade de significação se atentando para os aspectos sociais, emocionais e textuais.

A relação entre o emissor e o discurso se torna significativa, mesmo nos casos em que não se dispõe de dados sobre o autor, ao propor-se a analisar o enunciado é plausível fazer alguns levantamentos de possíveis circunstâncias de produção. A depender dos objetivos da produção o fim manipulador fica mais evidente, a exemplo o caso dos discursos políticos, religiosos e publicitários, em que o autor visa manter ou mudar a opinião do receptor. Pois a linguagem é construída pelos sujeitos, através de práticas cognitivas e discursivas compartilhadas social e culturalmente com os demais sujeitos do mundo.

Em presença do exposto, percebe-se a importância dos estudos semânticos na contextualização, pois a compreensão do valor do signo linguístico torna-se possível quando relacionado à Sintaxe, à Morfologia, à Linguística Textual, assim, na prática verbal se comunica bem mais do que os significados literais das palavras que constituem o enunciado. E o que se percebe claramente nos discursos publicitários, por exemplo, em que, a linguagem funciona como um instrumento de manipulação, servindo a diversos tipos de ideologias que adotam meios diversificados para disseminar ideias e valores, em função da sedução e convencimento do receptor.

Dito isso, o trabalho com a semântica nas aulas de língua portuguesa deveria primar pelos estudos envolvendo análise de discursos, conversações, em direção a enunciados, através da investigação dos pressupostos e subentendidos explorados nas interpretações textuais, visto que, essas atividades contribuem para uma participação mais efetiva dos alunos com relação a posicionamentos diante de determinadas situações de leituras a que são expostos. Entretanto, o ensino de semântica se torna complexo pelo que se ensina e também por aquilo que se deixa de ensinar, pois os planejamentos escolares para o Ensino Médio giram em torno do estudo da Morfologia e da Sintaxe da Norma Padrão e o estudo da Literatura: as escolas literárias, autores e obras.

Por esse motivo fica evidente a necessidade de se trabalhar a língua, os enunciados, sentidos e significados em sala de aula, a significação para que os educandos e educadores possam descobrir e encontrar aspectos da linguagem até então não estudados. Tais questões não vão contra as práticas pedagógicas do estudo da norma culta, pois o estudo da língua na perspectiva da semântica envolve o raciocínio lógico, a razão do emprego e funcionamento das expressões e seus significados e as relações sociais.

Rodolfo Ilari (2002) sugere atividades para reflexão acerca da linguagem em uso nas aulas de Língua Portuguesa. Esse autor discorre, também, sobre os elementos conceituais e afetivos do sentido, que se referem tanto à função referencial, quanto à expressiva ou conativa da linguagem respectivamente. Para ele é importante reconhecer que as palavras não apenas fornecem informações objetivas, mas podem também revelar diferentes atitudes e reflexões sobre a realidade de que se fala:

No sentido das palavras, combinam-se sempre elementos conceituais e elementos afetivos. Os primeiros referem-se a características “objetivas” das realidades de que falamos, e por isso mesmo contribuem para descrevê-las de maneira relativamente neutra; os outros apontam sobretudo para associações e reações que nos provocam. Como essas associações são sempre próprias de grupos determinados, a presença de elementos afetivos no sentido de uma palavra obriga-nos a considerar as posições (políticas, religiosas etc.) de quem fala e a lidar com o preconceito. Uma boa maneira de separar os elementos conceituais e afetivos no sentido

de uma expressão consiste em relacioná-los a diferentes funções da linguagem: os elementos conceituais realizam normalmente a função referencial (centrada na realidade de que se fala); os afetivos realizam normalmente a função expressiva ou conotativa (centradas no locutor ou receptor).

(ILARI, 2002, p. 68)

De acordo com o fragmento acima, os estudos sobre a linguagem é um caminho para entender que a comunicação expressa bem mais do que aquilo que se procura no enunciado. Sendo assim, é fundamental que se explore na interpretação textual todos os mecanismos utilizados na sua produção, pois, para que haja uma apreensão eficaz dos sentidos apresentados no texto, eles devem ser analisados a partir de diversas possibilidades, seria uma necessidade de “sensibilizar o leitor para o fato de que o sentido literal dos enunciados inclui frequentemente informações implícitas, embora previsíveis.”(ILARI, 2002, p. 85).

Nessa perspectiva, a análise da superficialidade semântica com foco nos enunciados linguísticos é o tema desse estudo, notadamente a inclusão dos aspectos da língua portuguesa descritos pela semântica nos livros didáticos “Português: linguagens” (8º e 9º ano) de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, publicados em 2012, pela editora Saraiva, 7ªed. Reformulada.

3- Análise: seções “Semântica e Discurso”

3.1- A superficialidade semântica nos livros didáticos

Os autores Cereja e Magalhães publicaram em 2012 pela editora Saraiva, o livro “Português: Linguagens”, contendo quatro unidades, cada unidade com três capítulos, traz no final de cada capítulo tópicos relacionados à semântica denominados “**Semântica e Discurso**”. Na tentativa de abordar questões de sentidos e trabalhar questões de significado, o ensino da semântica é substituído, em vários momentos pelo estudo da gramática que acaba servindo de base para a produção do livro didático. Abaixo analisamos dois textos, nos quais observamos essa tomada de lugar no enunciado do livro do 9º ano ao propor as atividades relacionadas ao texto abaixo:

(texto 1)

Semântica ? e discurso

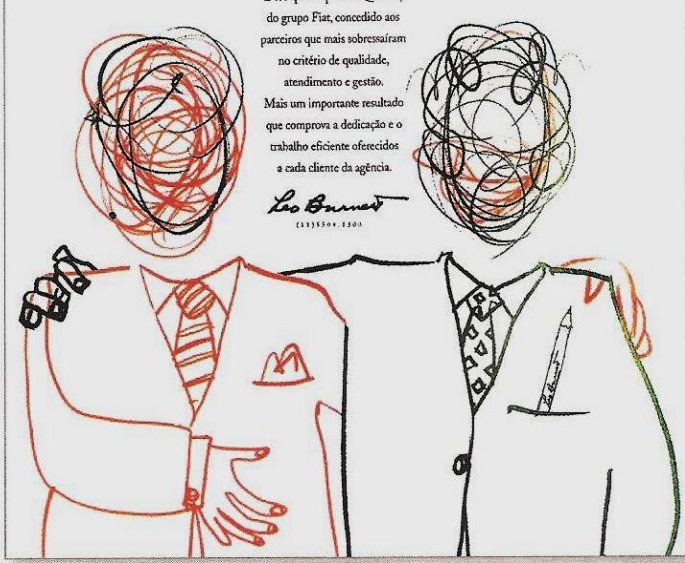
Leia este anúncio:

**Existe um prêmio
que nenhum festival
de publicidade
pode conceder:
o reconhecimento do cliente.**

Leo Burnett Brasil.
Destaque do prêmio Qualitas,
do grupo Fiat, concedido aos
parceiros que mais sobressaíram
no critério de qualidade,
atendimento e gestão.
Mais um importante resultado
que comprova a dedicação e o
trabalho eficiente oferecidos
a cada cliente da agência.

Leo Burnett
(11) 5544.1200

Leo Burnett



(O Estado de S. Paulo, 15/6/2010.)

As questões do livro didático:

1- Em relação ao enunciado principal do anúncio:

a- Identifique o pronome relativo e o seu antecedente.

Resposta no livro do professor: *que - um premio.*

b- Identifique a função sintática do pronome relativo.

Resposta no livro do professor : *objetivo direto.*

2- Um anúncio pode promover um produto, um serviço ou uma ideia.

a- O que esse anúncio promove?

Resposta no livro do professor: *Uma ideia: a de reconhecimento do cliente é o que mais importante para uma empresa.*

b- a quem ele se dirige?

Resposta no livro do professor: *Dirigi-se a parceiros do grupo Fiat.*

b- Levante hipóteses: Se o anúncio visa atingir interlocutores específicos, por que, então, ele foi publicado num jornal?

Resposta no livro do professor: *Professor: Abra a discussão com a classe. Sugestão: Porque divulgar a premiação dos parceiros Fiat é uma forma de promover a marca, ou seja, é uma forma de mostrar ao cliente final que a marca estimula seus representantes a realizar um atendimento de qualidade.*

(CEREJA, 2012, p.45)

Pela importância do campo semântico para os estudos da significação e para o próprio desenvolvimento da teoria semântica seriam, necessários conceitos mais informativos e esclarecedores, para que lacunas não sejam criadas na compreensão dos enunciados, textos e atos comunicativos. Na publicação acima percebemos que as questões do livro didático são objetivas e exatas, ou seja, o que vale é apenas o que está escrito literalmente na propaganda. Rector e Yunes (apud Barbosa, 2008), afirmam que:

O campo semântico é um domínio do vocabulário onde as unidades são independentes, delimitando e precisando cada uma delas o conteúdo de outras do mesmo conjunto. Cada campo tem um conteúdo (um “valor”) unitário e este conteúdo se “subdivide” por meio de oposições entre os termos (“palavras”), que lhe pertencem. Cada campo recobre uma área determinada. Cada termo tem o seu sentido, sua função no contexto. Mas o sentido exato está sujeito a alterações, pela chegada de novos termos, ou pela mudança de sentido de alguns. Para estabelecer um campo semântico, devemos, inicialmente:

- a) procurar as relações de conteúdo entre as unidades lexicais;
- b) delimitar o conteúdo evitando a intuição e a idiosincrasia;
- c) verificar as superposições parciais;

d) procurar os conjuntos em que as palavras se integram como unidades por relações, cuja rede constituirá a estrutura do conjunto. Devemos, sobretudo levar em conta o valor de cada termo, naquele determinado conjunto.

(BARBOSA, 2008, p.43)

Segundo o autor o campo semântico para ser estudados em enunciados com o objetivo de abstrair sentidos, teria que basicamente seguir etapas, pois cada campo, cada frase tem seus sentidos. Partindo da perspectiva das etapas descritas pelo autor, observamos que no **(texto 1)** a semântica não foi explorada dando espaço ao ensino puro da gramática, principalmente nos **exercícios 1 e 2** ao explorarem uma resposta que levaria o aluno a responder respectivamente (*que - um premio – objeto direto*) sem manter nenhuma relação semântica com os sentidos que poderiam perpassarem pela construção significativa do discurso.

As perguntas e respostas contida no **exercício 2**, tendem para um espaço que parece estabelecer uma relação semântica entre os enunciados, mas em seguida são desconstruídos por respostas pré-estabelecidas, que tem como objetivo tomar a voz do aluno e conceber uma resposta única e pronta. Como diz Barbosa (idem) “o sentido exato está sujeito a alterações, pela chegada de novos termos, ou pela mudança de sentido de alguns”.

Os livros didáticos, por terem características informativas e comunicativas, apresentam superficialidades nas atividades relacionadas ao campo semântico, as perguntas e respostas são superficiais, e o espaço **Semântica e Discurso** se torna espaço da gramática.

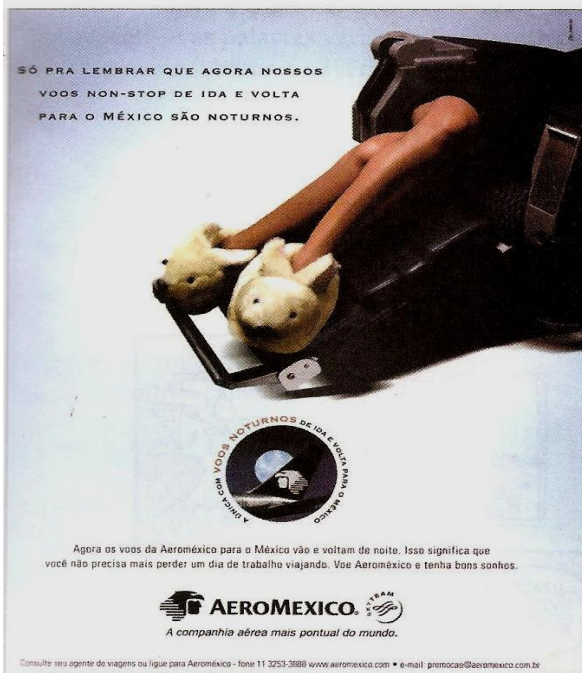
Quanto aos objetivos do livro para o docente, não se percebe orientações específicas sobre a Semântica e a importância do estudo da teoria. O livro deveria pelo menos empreender na relação, por meio do manual de orientação, uma atitude científica diante da significação e das interações comunicativas.

Para Barbosa (2008), os autores do livro didático, “pelo método de dedução, defendem que a interpretação textual constitui um caso semântico. Eles consideram que nas interações de diferentes textos, códigos, devem ser constantes para que a Semântica seja articulada com a Semiótica” (Barbosa, 2008, p. 47), ou seja, o aluno interpretará o enunciado realizando uma visualização sobre a imagem e descrevendo o que a imagem significa.

(texto2)

Semântica e discurso

Leia o anúncio a seguir e responda às questões de 1 a 3.



(IstoÉ, nº 1 771.)

1. No anúncio há uma oração subordinada substantiva, que funciona como complemento de um verbo transitivo.
 - a) Identifique esse verbo e a oração subordinada substantiva que o complementa.
 - b) Classifique a oração subordinada substantiva.
2. Todo anúncio visa promover um produto.
 - a) Qual é o produto promovido pelo anúncio lido?
 - b) Quais são os argumentos utilizados pelo anunciante para vender o produto?
 - c) Considerando-se que o anúncio foi publicado numa revista de grande circulação, a quem se destina o produto?
3. Quando observamos o anúncio, notamos que uma moça se encontra deitada confortavelmente numa poltrona de primeira classe e tem nos pés pantufas em forma de coelho.

- a) Qual é a intenção do anunciante ao apresentar assim a moça?
- b) Por que as pantufas em forma de coelho reforçam o conteúdo da mensagem verbal?

29

A leitura do texto 2 inicia-se já condicionada a uma forma de leitura, por meio do enunciado: “Leia o anúncio e responda as questões de 1 a 3”. Em seguida, há uma imagem, de uma mulher sentada na poltrona com pantufas, representando o conforto que uma empresa de aeronave oferece, logo abaixo da imagem, há uma pequena legenda que esclarece a origem da imagem: (Isto É, nº 1 771, apud CEREJA, 2012).

Junto à imagem aparecem três questões a serem respondidos pelo leitor. Como objetos de análise, as respostas dadas são transcritos na íntegra:

De início as questões são direcionadas a análise gramatical, dividida em (a) e (b), a primeira que é identificar no anúncio **o verbo transitivo e a oração subordinada substantiva** e a segunda fazer uma classificação **da oração**

subordinada substantiva. De acordo com as respostas seguindo o livro do professor, seria:

(a) lembrar/oração que completa o verbo: que agora nossos voos non-stop de ida e volta para México são noturnos.

(b) objetiva direta.

A segunda questão é voltada para semiótica, pois são respostas claras, perguntas que são respondidas apenas com a visão sobre a imagem, como a primeira pergunta; *(a) Qual é o produto promovido pelo anúncio? Resposta dada: Voos noturnos da companhia Aeroméxico, (b) Quais são os argumentos utilizados pelo anunciante para vender o produto? Respostas apresentadas: Os voos de ida e volta para o México são noturnos, não se perde o dia de trabalho viajando, a Aeroméxico é a companhia aérea mais pontual do mundo. E a (c) Considerando-se que o anúncio foi publicado numa revista de grande circulação, a quem se destina o produto? Resposta: As pessoas que viajam para o México a trabalho, têm pouco tempo e não querem perder um dia de trabalho.*

Já a terceira questão trata também de análise visual, *(a) Qual a intenção do anunciante ao apresentar a moça deitada na poltrona com pantufas de coelho no pé? Resposta: Sugerir que a pessoa irá num voo noturno, porém de maneira confortável, como se estivesse descansando na própria casa, (b) Por que as pantufas de coelho reforçam o conteúdo da mensagem verbal? Resposta: Como o coelho é rápido, as pantufas sugerem rapidez tanto na ida quanto na volta. Além disso, elas podem remeter ao descanso, ao conforto do lar, sugerido que a viagem noturna será tão confortável quanto estar em casa de pantufas.*

Dessa forma, observamos que são perguntas, cuja resposta é apenas uma, o autor utiliza a imagem apenas para promover a empresa de aeronave, reforçando que o passageiro tem todos os confortos, poltronas aconchegantes, e de imediato aproveita essa leitura para trabalhar a gramática, observar e identificar as orações subordinadas, assim, à leitura semântica fica apenas na superfície, deixando de lado a leitura do enunciado.

3.2 – O apagamento da Semântica e Contexto

No livro do 9º ano, a expressão “Semântica e Discurso” (p. 226) propõe para o leitor que ele seja sujeito na/e da produção de significados, nesse sentido os autores trazem no livro contexto discursivo, tais como:



Leia o anúncio a seguir e responda às questões 1 e 2.



No enunciado acima, as questões foram formuladas, assim;

1. Explorando a ambiguidade, o anúncio cria humor e, assim, estabelece uma comunicação amigável com os leitores.

a- Que sentido parece ter a palavra homenagem nas três primeiras placas?

Resposta apresentada no livro do professor: Como há a indicação de distâncias, homenagem parece ser o nome de uma cidade.

b- Na parte inferior da última placa, em letras menores, há os dizeres: “Parabéns da Ford a todos os caminhoneiros”. Logo, que surpresa é revelada na última placa?

Resposta apresentada no livro do professor: Descobre-se que homenagem não é o nome de uma cidade, mas refere-se à homenagem que o anunciante quer fazer aos caminhoneiros.

c- O anunciante é uma empresa fabricante de caminhões e automóveis. Logo qual é a finalidade principal do anúncio?

Resposta apresentada no livro do professor: Promove a marca (no caso, de caminhões) entre o público consumido.

2. Compare as quatro placas quanto ao emprego de a e à.

a- Por que na palavra a não aparece o acento indicador de crase nas três primeiras placas?

Resposta apresentada no livro do Professor: Porque “a” é apenas preposição nas três primeiras placas, uma vez que não se usa artigo antes de numerais.

b- O eu justifica o emprego do sinal indicador de crase na última placa?

Resposta apresentada no livro do Professor: No caso dessa placa, ocorre o encontro da preposição a, exigida pela expressão “bem-vindo”, e o artigo feminino que precede o substantivo homenagem.

(CEREJA, 2012, p.26)

O enunciado em análise se inclui na teoria da Semântica da Enunciação, fazendo referência a figura de linguagem - o humor, um recurso estilístico capaz de provocar o riso e ao mesmo tempo possibilitar a compreensão de que tal texto carrega intencionalidade, como a aceitabilidade dos leitores para que haja uma interpretação bem sucedida com o texto, especificamente que o discurso possa trazer informação, convencimento, assim como entretenimento e tais percepções só acontecerão mediante a leitura de todo o texto.

As questões trazem o sentido de que há humor na imagem, as primeiras perguntas trabalham o “desvendar” por parte do leitor, que ao fazer a leitura da imagem precisa responder que sentido tem a palavra “Homenagem” nas placas, no final o leitor percebe que é apenas uma forma da empresa “Ford” de parabenizar os caminhoneiros, então usam essa característica para chamar a atenção do leitor.

No livro didático, se o caminho escolhido pelos autores foi o da análise do uso efetivo da enunciação, seria conveniente que tais discussões fossem ampliadas para que os estudantes testassem a legitimidade dos conceitos apresentados, para

decidirem em que momento determinado texto se aplica e como construí-lo e que recursos linguísticos utilizar.

Apesar de toda a intenção dos autores em propor a discussão semântica através do texto, que de certa forma e dependendo do trabalho do professor isso é possível através das atividades propostas, encontramos ainda a gramática assumindo de forma pedagógica a seção destinada a **Semântica e Discurso**. Isso nos mostra que mais uma vez os sentidos são consumidos pelo lugar tradicional da língua que pedagogicamente não passa de formas chamadas “decorebas”, que infelizmente ainda permanecessem na prática do ensino, isso está claro nas respostas dadas no exercício 2.

3.3- O apagamento da Semântica para a Semiótica;

Quanto a essas duas ciências, os autores propõem uma análise a partir da junção da linguagem verbal e não-verbal, estabelecendo a intertextualidade por meio de diferentes códigos. O modelo de estudo proposto e defendido pelos estudiosos da linguagem e da comunicação. Vê-se presente a teoria de Pierce (apud Santaella 1983) em que o estudo do signo se dá mediante interpretantes imediatos, como os ícones (imagens) índices (cores, formas, os deíxes) e símbolos (como a escrita, representação gráfica da oralidade).

Portanto, será discutido o aspecto interdisciplinar: a Semântica e a Semiótica como áreas que se aproximam por remeter o leitor à significação do signo linguístico, a primeira mais para o verbal e a segunda para linguagem não-verbal. Mas ambas se completam, especificamente no texto publicitário em que os diferentes códigos são os co-responsáveis pela criação de sentido.

Para a leitura do texto publicitário deve-se trabalhar com os três níveis de leituras sinalizadas pela Semiótica: a Primeiridade, a leitura inesperada, as primeiras percepções do leitor, a Secundidade, a associação estabelecidos entre a imagem e demais índices presentes no contexto e a Terceiridade, momento da argumentação a partir das semioses realizadas.

A Primeiridade, segundo Santaella (1983), é a qualidade de sentimento e, por isso mesmo, é a primeira, ou seja, a primeira apreensão das coisas, que para nós aparecem, já é tradução, finíssima película de mediação entre nós e os fenômenos.

A Secundidade é aquilo que dá à experiência seu caráter factual, de luta e confronto. Ação e reação ainda em nível de binariedade pura, sem o governo da camada mediadora da intencionalidade, razão ou lei, ou seja, a agregação da imagem aos demais conteúdos presentes no contexto. Logo, a Terceiridade, é o momento em que se está diante de qualquer fenômeno, isto é, conhecer e compreender qualquer coisa, o momento em que a consciência produz um signo, ou seja, um pensamento como mediação irrecusável entre nós e os fenômenos.

Dessa forma damos significado aos enunciados por um simples olhar, pois o simples ato de olhar já está carregado de interpretação, visto que é sempre o resultado de uma elaboração cognitiva. Aborda, portanto, a abstração cognitiva que é quase fendida e “a consciência encontra um ponto tangencial em que é corpo do mundo e no mundo, instante indiscernível e intraduzível de maior proximidade física e viva da consciência com o fenômeno apreendido” (SANTAELLA, 1983, p. 53).

E tais leituras são possibilitadas pela imagem, assim como as questões levantadas. Uma conjunção de diversos textos estruturados dentro dos limites de uma só formação estrutural, isto é, o texto publicitário. Nessa perspectiva podemos ver essas questões no enunciado abaixo do livro 8ª ano, p. 45:

Semântica e discurso

Leia o anúncio ao lado e responda às questões 1 e 2.

1. O anúncio promove uma marca de desodorante.
 - a) Em destaque, vemos uma pirâmide, com vários objetos. Quais são esses objetos?
 - b) Na sua opinião, o anúncio é voltado ao público masculino ou feminino? Por quê?
2. Em relação ao enunciado verbal que está no centro do anúncio:
 - a) Qual é o sujeito da oração “não há produção”? Justifique sua resposta.
 - b) Explique a relação entre esse enunciado e a posição do desodorante na pirâmide.
 - c) Você acha que o argumento do anunciante é convincente, principalmente para o público feminino?



Respostas apresentada no livro do professor:

- 1.a) Os objetos são, um desodorante, um sapato, um perfume, um batom, um delineador, um relógio, um anel ou brinco.
- b) Ao publico feminino, pois os objetos que fazem parte da pirâmide saio utilizados por mulheres.
2. a) A frase “não há produção”, é uma oração se sujeito, pois o verbo haver, quando empregado com o sentido de “existir”, é impessoal.
- b) O desodorante é a base da pirâmide. Se o tiramos da base, tudo vem abaixo. Com isso, o anunciante dá a entender que não adianta a mulher caprichar na produção da aparência se não tiver a proteção que o desodorante dá.
- c) A resposta dessa pergunta é pessoal.

(CEREJA, 2012, p.45)

Percebemos que a proposta da atividade apresentada anteriormente é vista como uma possibilidade de se ampliar o conceito de leitura e de significação, em especial os aspectos da persuasão, da manipulação e do consumismo, apresentado por meio do jogo com a linguagem.

O enunciado acima é apenas para apresentar como o autor trata as questões do livro didático de forma semântica, nas perguntas e repostas observamos que são maneiras bem óbvias, faz-se o exercício com base na semiótica, pois, ao vermos a imagem sabemos o seu significado e o que a imagem representa, como por exemplo, na primeira pergunta a (a) que pede para os alunos visualizar a imagem e dizer quais os objetos estão aparecendo no enunciado, isso são representações de semiótica, porque leva o leitor a ver os objetos e identificá-los dessa forma, representa o significados dos signos.

Nesse sentido, os autores tentam trabalhar a semiótica que apresenta no enunciado, seria como ter o objetivo de denotar uma preocupação com a inter-relação dos textos imagéticos com o enunciado num todo, como uma tentativa de talvez, possibilitar ao leitor o conhecimento do uso efetivo da linguagem, que não se dá só na modalidade escrita ou oral, ao tempo em que pode despertar nos estudantes o interesse sobre a linguagem utilizada na comunicação publicitária.

3.4- O Apagamento da Semântica para Morfologia;

Identifica-se no enunciado a seguir, no livro do 8º ano, uma proposta para o estudo da significação voltada à Morfologia.



1. A conjunção **que** pode assumir vários valores, dependendo da relação que estabelece entre as orações. Indique, entre as frases a seguir, aquela na qual a palavra **que**:
- tem valor aditivo;
 - estabelece comparação;
 - introduz uma explicação;
 - indica uma consequência.
- a) A raposa é mais esperta que o leão.
- b) Ele fala que fala, mas ninguém entende nada.
- c) Corra, que o cachorro é bravo.
- d) Cantaram tão alto, que toda a vizinhança despertou.

Resposta apresentada no livro do professor:

- a) *estabelece comparação;*
- b) *tem valor aditivo;*
- c) *introduz uma explicação;*
- d) *indica uma sequência;*

Verifica nesse exemplo, um distanciamento, em que saber o conceito da classe morfológica não garante a interpretação de textos. Nesse caso compreender os processos de pensamento articulados pela linguagem seria mais produtivo para depois descrever e sistematizar o que seria conjunção. Segundo Barbosa (2008),

Conhecer as “próprias” regras, pensar sobre elas e sobre as constituídas por outros meios, como o literário, o jornalístico, o científico, etc., corroboram e incentivam o pensamento a “pensar sobre si mesmo” e sobre o mundo. Transformar os alunos em sujeitos pensantes, analíticos, críticos, criativos, talvez seja o “ideal” mais democrático a ser instituído pela escola.

(MURRIE apud BARBOSA, 2008, p. 95).

Contudo, o exemplo acima foi colocado para mostrar que o tema “Semântica e Discurso” proposto no livro didático, é suprido pela gramática, assim, constroem-se uma junção de semântica e morfologia.

Entrementes, a proposta de se trabalhar discurso no enunciado, foi substituída pela morfologia, nesse caso, seria certo primeiramente apresentar o que seria conjunção, assim, o aluno poderia possuir conhecimentos e analisar as questões. Outro exemplo é dado abaixo;



Quando falamos, costumamos empregar muitos **quês**. De acordo com a norma-padrão, entretanto, na escrita as repetições devem ser evitadas, a fim de que o texto fique claro e objetivo. Reduzir determinadas orações subordinadas ou substituí-las por substantivos ou adjetivos são recursos utilizados para evitar as repetições. Veja estes exemplos:

- I. Cantando, ele esperava **que a namorada chegasse**.
Cantando, ele esperava **a namorada chegar**.
Cantando, ele esperava **a chegada da namorada**.

- II. Pessoas **que falam demais** não merecem confiança.
Pessoas **faladeiras** não merecem confiança.

1. Siga o exemplo I e elimine o **que** das orações destacadas nos itens a seguir. Primeiramente, reduza cada uma delas, empregando o verbo no infinitivo; em seguida, substitua o verbo por um substantivo, fazendo as adaptações necessárias.

O exercício acima, também trata da morfologia e da mesma conjunção “que”, agora com o propósito de trabalhar os múltiplos sentidos que essa conjunção trata

no texto, mas o objetivo maior é fazer com que o leitor saiba construir um texto sem repetições, assim, a dica dada é fazer as substituições com referência a classes gramaticais, como por exemplo, substantivos e adjetivos, depois da leitura dos exemplos, os autores apresentam o exercício para ser feito, seria a seguinte questão:

1-Siga o exemplo I e elimine o **que** das orações destacadas nos itens a seguir. Primeiramente, reduza cada uma delas, empregando o verbo no infinitivo, em seguida, substitua o verbo por um substantivo, fazendo as adaptações necessárias.

Resposta apresentada no livro do professor:

- a) Meu desejo era que todos desaparecessem dali.
- b) Acho muito desagradável que vocês briguem por qualquer coisa.
- c) Os meninos esperaram que a mãe saísse para pôr som bem alto.
- d) Basta que você desenhe o modelo desejado.
- e) É importante que o professor tome uma atitude.

(CEREJA, 2012. p. 246)

Portanto, observamos que a intenção seria estudar a enunciação, saber o significado que está empregado em determinado discurso, porém, o uso de saber gramática seria o conteúdo mais importante, por isso a insistência do uso de imagens, textos, etc., para chamar a atenção do leitor e responder determinadas questões.

Nesse sentido, as conjunções foram estudadas conforme a funcionalidade (sintaxe) no texto e a intencionalidade (do texto) e coerência (o sentido dado a construção frasal por meio do emprego das categorias morfológicas) indo ao encontro do que o estudo da língua numa perspectiva da gramática descritiva, uma vez que conduz ao pensamento quanto as formas de construção do texto e as ideias que eles podem carregar a depender das escolhas do produtor.

3.5- Aspecto essencial da Semântica;

Um dos objetivos do livro didático explícitos no Manual do docente é possibilitar um contato com noções básicas da significação e com os principais processos semânticos expressos em nossa língua de forma contextualizada.

Semântica e discurso

Leia a placa do anúncio abaixo e responda às questões de 1 a 4.



1. A placa faz parte de uma campanha agressiva e irônica que alerta sobre o perigo de dirigir após a ingestão de bebida alcoólica.

a) A que perigo a campanha se refere?

b) Qual é a intenção do anunciante ao publicar um anúncio como esse?

2. Na placa, há dois períodos compostos.

a) Qual deles é um período composto por coordenação?

b) O outro período é composto por subordinação. Como se classificam suas orações?

Faremos agora uma reflexão sobre a significação, sobre o uso das palavras, expressões, frases e orações, atentando-se para o contexto e as atividades sobre o texto. Elegeu-se a atividade abaixo para a análise do tratamento dado à significação e o contexto do livro do 9º ano:

Respostas apresentada no livro do Mestre:

- 1- a- Se refere ao perigo de provocar acidente e causar mortes.
b) A intenção foi feita para sensibilizaras pessoas por meio de apelo chocante.
- 2) a) O período composto por coordenação é a frase: Bebeu e está dirigindo ?
b) Se o carro pegar fogo: oração subordinada adverbial; vai ser cremado: oração principal.

(CEREJA, 2012. p. 246)

Observamos que não houve nesta atividade um aprofundamento do significado, seria óbvio as primeiras respostas, as definições apresentadas não permitem estabelecer conceitos mais precisos em relação ao estudo da Semântica. Infere-se que o estudo da linguagem numa perspectiva semântica ainda é um desafio, os estudos da língua ainda aparecem atrelados à gramática, que se apresentada como um atributo que conduz a pensar que a matéria-prima do ensino da língua se concentra na prescrição de regras.

Segundo Barbosa (2008), os próprios autores, no manual do professor, avaliam que o domínio de novos conceitos e terminologias que circulam o estudo da língua não é gratuito, pois marcam importantes diferenças teóricas existentes, portanto, o objeto de estudo, a língua pode ser entendida a partir de determinada linha de pesquisa ou das influências de várias correntes.

Considerações Finais

Considerando que os estudos referentes à linguagem desenvolveram-se a partir da necessidade do ser humano de compreender o mundo que o cerca, observamos que há um trajeto, uma história para ser aprofundada, pois os filósofos da Grécia Antiga já se inquietavam com a relação homem, linguagem e pensamento. E os estudos, a partir de então ganharam cada vez mais consistência e credibilidade.

De acordo com as pesquisas apresentada, no caso dos estudos semânticos, o caráter científico teve impulso, a partir das investigações estruturalistas iniciadas por Ferdinand de Saussure que postulou a teoria do signo linguístico. Sendo as teorias saussurianas pioneiras em relação aos estudos da semântica estrutural, especificamente da semântica linguística - o estudo da forma do plano de conteúdo e os seus significados.

Nessa perspectiva, traz o estudo linguístico Semântica que se preocupa com a constituição dos significados nos textos falados e escritos, assim também com a natureza em relação à função e usos desses significados. Assim, à semântica cabe o estudo da significação em toda e qualquer forma utilizada para a comunicação.

A pesquisa bibliográfica e análise do trabalho com a semântica, no livro “Português: linguagens” de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, foi uma iniciativa de se verificar como a semântica é abordada nos manuais didáticos. Notamos que o espaço destinado ao ensino da semântica é também destinado ao ensino da gramática, gerando assim, uma confusão teórica ao se pensar o ensino da língua no espaço escolar.

Para que o ensino de língua portuguesa seja significativo é necessário que a inserção da semântica no contexto educacional não fique apenas na superficialidade. Observamos no livro analisado que a semântica é vista numa perspectiva prescritiva, restringindo o estudo das mudanças de sentido ao uso conotativo da linguagem, sem, todavia, associar esses fatores a questões sociais, históricas, psicológicas; enfim, o estudo do significado acontece de forma descontextualizada. Uma contradição na prática educativa, visto que, a função social é um dos traços da linguagem.

A prática de análises das enunciações geralmente é usada em diferentes suportes, deixando muitas vezes de lado, os significados das palavras que constituem o enunciado. O livro didático analisado apresenta uma proposta do estudo da Semântica articulada apenas à semiótica, que promove uma forma de persuasão linguística voltada aos anúncios veiculados pelas multimídias.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Cleonalto Gil. NASCIMENTO, Catiele de Jesus. SANTOS, Mirtes Andréa Pinheiro. **O estudo da semântica no livro didático “Português: Linguagens”**. Disponível em: http://files.revista-eletronica-do-curso-de-letras-ling-e-lit-campus-x.com/200000135-39bc93_bb1_3/O%20ESTUDO%20DA%20SEM%20C3%82NTICA%20NO%20LIVRO%20DID%20C3%81TICO.pdf, acessado em 05/04/2014.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral** I. 4ª ed. Campinas-SP: Pontes, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Fundamental**. Semtec: Brasília, 1997.

CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: Linguagens**. 7ª ed. Reform. São Paulo: Saraiva, 2012.

DUCROT, Oswald. **Princípios de Semântica Linguística: Dizer ou não Dizer**. In: **A descrição Semântica**. São Paulo: Cultrix, 1972.

ILARI, Rodolfo. **Introdução à Semântica: Brincando com a Gramática**. In: **Elementos conceituais e afetivos do sentido**. São Paulo: Contexto, 2002.

MARQUES, Maria Helena Duarte. **Iniciação à Semântica**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editor Jorge Zahar, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VECEZE, Rosa Maria Aparecida Nechi. SILVINO, Eliziane França Moreira. **O livro didático e suas implicações na prática do professor nas escolas Publicam de Guajará-Mirim**. 03 jun. 2008. Disponível em: http://www.dtp.uem.br/rtp/volumes/v11n3/010_rosa-338-347.pdf. Acesso em: 15/04/2014